

# OLISIPO



*BOLETIM DO GRUPO  
"AMIGOS DE LISBOA"*

II SÉRIE - N.º 22/23 - JANEIRO/DEZEMBRO 2005

**FICHA TÉCNICA****TÍTULO:**

OLISIPO, II série, n.º 22/23  
Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa"  
Rua Portugal Durão, 58 A – 1600-187 LISBOA  
Tel. 21 780 01 56 - Fax. 21 780 01 53

**DIRECTOR**

Francisco Santana

**DIRECTORES-ADJUNTOS**

Appio Sottomayor e J. Ramos Baptista

**TIRAGEM**

600 ex.

**PERIODICIDADE**

Semestral

**ANO**

2005 (Janeiro a Dezembro)

**DEPÓSITO LEGAL**

N.º 91289/95  
ISSN: 0873-609x

**MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO****DISTRIBUIÇÃO**

H. T. - Distribuição e Comercialização  
de Produtos Culturais  
Rua Rodrigues Sampaio, 77 - 1150-279 Lisboa

**CAPA:** *O Terramoto de Lisboa*

Quadro de João Glama Ströberle (ca. 1760) Museu Nacional de Arte Antiga

A responsabilidade das matérias constantes dos textos assinados é dos respectivos Autores

# TESTEMUNHOS DO TERRAMOTO DE 1755 - NOVOS ELEMENTOS OBTIDOS EM ESCAVAÇÕES NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA<sup>1</sup>

(Notícia preliminar)

Miguel Telles Antunes\* e João Luís Cardoso\*\*

"E por que naquela hora a maior parte das cazas tinha as fornalhas acezas para fazerem os seos jantares; e da mesma forma em todas as Igrejas se dava principio aos officios Divinos, que pela festividade do dia ser mais solemne achavão-se os Altares todos com velas acezas; e pela cahida das paredes ficou o fogo sopitado, foi pouco a pouco atendo-se em maneira que pelo meio dia se descobria já em muitas partes distinctas o incendio ateado, que lavrou com tanta força e rapidês que nessa noite a parte mais nobre, e rica da cidade ficou reduzida a cinzas, proseguindo sem obstaculo, e devorando tudo o que encontrava."

J. P. Ferrás Gramosa, "O memoravel terremoto acontecido no 1º. dia do mês de Novembro do anno de 1755". *Successos de Portugal Memorias historicas politicas e civis em que se descrevem os mais importantes successos occorridos em Portugal desde 1742 até ao anno de 1804.*

## 1 - ESCAVAÇÕES - METODOLOGIA, PARTICIPANTES, DURAÇÃO

Pelo Ofício da Academia das Ciências de Lisboa nº. 238, de 24 de Junho de 2004, solicitou o primeiro signatário ao outro co-autor a orientação de trabalhos arqueológicos imprescindíveis em face da identificação, por aquele efectuada pouco antes, de restos humanos (e outros) na ala sul do claustro do antigo Convento de Jesus.

Com efeito, decorriam obras de renovação do piso térreo daquele sector do edificio, as quais puseram a descoberto restos abundantes. Este facto, não previsto na

obra então em curso, a cargo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, justificava a grande urgência de uma rápida intervenção.

Assim, foi solicitada ao Instituto Português de Arqueologia autorização - comunicada logo no dia seguinte - para proceder aos referidos trabalhos, permitindo que tivessem início de imediato. Surgiu, assim, todo um projecto de investigação multidisciplinar, envolvendo diversos especialistas, com a coordenação de M. T. Antunes. As escavações foram dirigidas desde o início, como previsto, por J. L. Cardoso. Os resultados preliminares são agora noticiados.

Participaram na primeira fase nas escavações, que decorreram de 25 de Junho a 30 de Julho, o Dr. Filipe Santos Martins e o aluno João Pereira Brandão. Colaboraram operários da firma construtora, à qual tinha sido adjudicada a obra, com destaque para o Sr. Lorival, que, com os seus colegas, se ocupou, com o acompanhamento quotidiano dos signatários, entre inícios de Agosto e finais de Outubro, da crivagem manual de todas as terras retiradas da escavação, proporcionando recolha de inúmeros e variados pequenos objectos. Os desenhos e cortes da área escavada estiveram a cargo de Bernardo L. Ferreira.

\* Academia das Ciências de Lisboa  
Centro de Estudos Geológicos, Faculdade de Ciências e Tecnologia

\*\* Academia Portuguesa da História, Universidade Aberta  
Centro de Estudos Geológicos, Faculdade de Ciências e Tecnologia

Os capítulos 1, 2.1 e 2.2 são essencialmente da responsabilidade do segundo signatário, tendo o primeiro dos autores redigido os capítulos seguintes, até o fim.



Fig. 1 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Vista geral da fase inicial das escavações, ao longo da parede da ala sul do claustro, tomada de Oeste para Este. Foto Dr. Filipe Santos Martins.

Entretanto, começou desde logo a preparação de material humano, a par da lavagem e crivagem de terras. Estes trabalhos, realizados na Academia das Ciências pela estagiária Dra. Sara Pereira de Almeida, no laboratório do Departamento de Geociências da Universidade de Évora e no Museu do GEAL – Lourinhã, permitiram lançar desde logo estudos que versaram vários temas, com destaque para os de Antropologia, a cargo de M. Telles Antunes e, para a dentição, de Cristiana Pereira; contaram, no início, com a colaboração do Prof. Doutor A. Santinho Cunha.

O interesse dos resultados justificou, por sugestão dos signatários que mereceu a concordância da Presidência da Academia das Ciências de Lisboa, proprietária do edifício, e da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a alteração do projecto inicial, com a substituição do pavimento lajeado por caixilharia de ferro destinada a suportar o assentamento horizontal de painéis de vidro resistente, permitindo observação parcial da área escavada sem prejuízo da circulação pedonal.

## 2 - RESULTADOS

A abundância de ossos humanos logo por baixo da laje de cimento que cobria a ala sul do claustro e cuja remoção esteve na origem dos primeiros achados, justificou a opção de proceder ao desmonte daquela laje por meios mecânicos, de modo a colocar a descoberto a camada ossífera. Foi necessário deixar livre cerca de metade da largura do claustro para não impedir a extracção de entulhos, a circulação de pessoas e de equipamentos.

Os trabalhos iniciaram-se ao longo da parede da ala sul do claustro. Afectaram uma área rectangular com 17 metros de comprimento por dois de largura, 34 metros quadrados no total. Do lado oposto, ficou limitada por uma canalização de águas residuais desactivada, constituída por manilhas de grés cerâmico.

Delimitada em superfície a área a investigar, os trabalhos prosseguiram em profundidade com decapagens por camadas artificiais de 10 cm. Dividiu-se a meio a área previamente definida, dando-se início à esca-



Fig. 2 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Vista geral das escavações em curso, tomada de Oeste para Este, evidenciando-se os alinhamentos de blocos calcários, atribuídos a embasamento do soalho de tábua corrida instalado no século XVIII ou já no seguinte. Foto JLC.



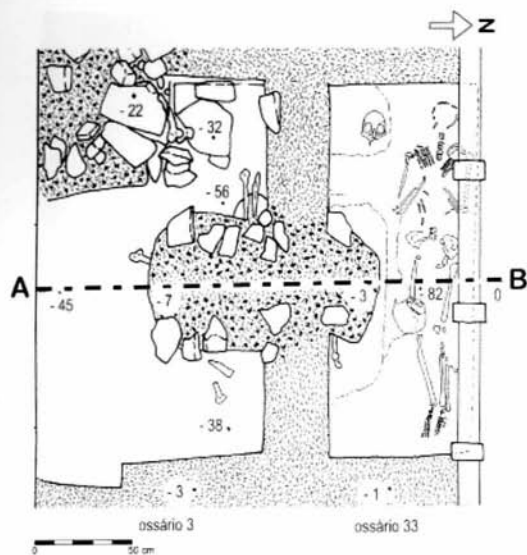
Fig. 3 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Vista geral no final das escavações, tomada de Oeste para Este. Observa-se a estrutura de muros ortogonais de alvenaria, definindo alvéolos rectangulares utilizados como carneiros. Foto JLC.



Fig. 4 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Pormenor de um dos alvéolos, cuja parte superior evidenciava enchimento desordenado de restos humanos, com numerosos crâneos. Foto JLC.



Fig. 5 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Pormenor do nível inferior do mesmo alvéolo da Fig. 4, correspondendo a dupla inumação em decúbito dorsal, com os braços cruzados sobre o peito e corpos orientados para lados opostos, para melhor aproveitamento do espaço, indicando que devem ter sido efectuadas em simultâneo. Foto JLC.



corte A-B

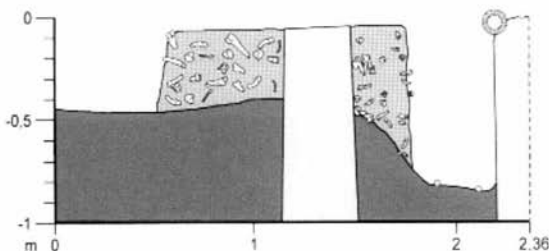


Fig. 6 - Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Planta de dois alvéolos adjacentes e respectivo corte estratigráfico, com a representação das duas camadas identificadas: Camada 1, constituída por inúmeros restos humanos desordenados, cobrindo a Camada 2, correspondente às inumações normais. Foto JLC.

vação no sector encostado à parede do claustro de modo a permitir evacuar as terras. Deste modo, foi possível identificar em profundidade uma construção septada, constituída por paredes de alvenaria argamassada, com a superfície regularizada por fina mistura de cal e areia, ocupando a totalidade do subsolo. Os septos definiam alvéolos rectangulares com o comprimento aproximado de 1,80 m e largura média de 0,70 m. No fundo ocorrem invariavelmente as inumações humanas adiante descritas.

Estava-se, pois, em presença da necrópole constituída nas quatro alas do claustro conventual, bem evidenciada pelas lajes numeradas que ainda se conservam nas

alas norte e poente. Acima do topo dos septos e penetrando no interior dos alvéolos por eles definidos desenvolvia-se, em continuidade, o depósito ossífero previamente identificado. A este sobrepunham-se alinhamentos rectilíneos de blocos de calcário, espaçados regularmente, perpendiculares à parede, de onde partiam.

A etapa seguinte consistiu no alargamento da área escavada até o limite previamente definido, com o objectivo de confirmar em profundidade o desenvolvimento e potência da camada ossífera superficial, bem como o prolongamento do sistema de septos subjacente. O processo seguido nesta segunda fase dos trabalhos foi o aprofundamento da escavação por camadas artificiais de 10 cm. Também aqui, depois de ultrapassada a camada ossífera superficial, se atingia o nível das inumações primitivas no claustro.

## 2.1 - Estratigrafia

A sequência estratigráfica, muito simples, é constituída por duas camadas. De cima para baixo:

C.1 – Camada ossífera, pouco consolidada, formada por ossos humanos, na maioria inteiros, de mistura com abundantes fragmentos de azulejos figurativos azuis e brancos da primeira metade do século XVIII, faianças portuguesas da segunda metade do século XVII/primeira metade do século XVIII, moedas e fragmentos de cachimbos de barro e de caulino da mesma época, além de outros objectos. Na parte superior desta camada, encontraram-se materiais do século XIX, indício que os derradeiros remeximentos se efectuaram nesta época. Esta camada é, pela natureza e composição, um depósito secundário constituído por ossos humanos transportados de outros locais, ainda que com algum cuidado, como testemunham os crânios inteiros que foi possível recuperar, de mistura com materiais resultantes de entulhos ou demolições. Note-se que não se identificaram vestígios de cal hidráulica, tão comum em inumações em cemitérios, especialmente em casos de depósitos colectivos envolvendo número assinalável de indivíduos. As características do depósi-

to indicam que a remobilização foi efectuada com os ossos desprovidos das partes moles. A potência desta camada não ultrapassa 0,60 m.

C.2 – Corresponde às inumações de corpos na parte inferior dos alvéolos descritos, em posição de decúbito dorsal, em geral com os braços cruzados sobre o peito. Os esqueletos encontram-se em bom estado de conservação, incluídos em camada terrosa anegrada, fina, rica de matéria orgânica. Associados, encontraram-se muitos alfinetes (que prendiam mortalhas de pano), medalhas com motivos religiosos (verónicas), contas e elementos de cruzes de rosários, de osso e vidro, um crucifixo de madeira com embutidos, muitos colchetes e elementos de vestes talares, restos de couro do rastro de sandálias ou de sapatos, etc. Estes elementos configuram os adereços usuais em túmulos de religiosos. A potência deste nível não foi determinada em profundidade, porque não se procedeu à remoção de qualquer esqueleto – dado o

interesse em musealizar a área – mas excede 0,40 m por, nalguns casos, se ter observado sobreposição de corpos.

## 2.2 - Estruturas

Removido o piso cimentado, a limpeza do terreno permitiu evidenciar alinhamentos de blocos de calcário, heterométricos e irregulares, afastados entre si de 0,50 a 0,70 m, perpendiculares à parede. A sua finalidade foi o embasamento das traves onde assentava o soalho de madeira que revestia o respectivo piso desde a época de reconstrução daquela ala do antigo claustro até sua substituição, no século XX, pelo chão de cimento conservado até as obras em causa. Podem ser atribuídos a consertos do soalho de finais do século XIX, ou mesmo à sua remodelação, os achados arqueológicos mais modernos: fragmentos de azulejos de finais do século XIX de tipo neo-hispano-árabe e de materiais de laboratório, uma moeda de D. Luís.



Fig. 7 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Vista da ala ocidental do claustro, cujo chão conserva a estrutura esquadriada de lajes e separadores correspondente ao sistema de tabiques de alvenaria identificados na ala escavada, onde tal revestimento se não conservou. Observe-se a existência de lajes numeradas, identificadoras das diversas tumulações efectuadas no alvéolo correspondente. Foto JLC.



Fig. 8 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Vista da ala sul do claustro, observando-se estrutura de ferro e vidro, em fase de conclusão, destinada a permitir a observação parcial dos trabalhos de escavação realizados. Foto JLC.

A segunda estrutura identificada (que, como a anterior, se estendia sob a anterior por toda a área escavada) corresponde aos muros de alvenaria ortogonais, definindo alvéolos rectangulares destinados a sepulturas. Denotam construção robusta e cuidada. Os respectivos muros têm espessuras constantes, cerca de 0,30 m em média (muro longitudinal mais espesso do que os transversais), e superfície cuidadosamente alisada, revestida de argamassa fina de cal e areia.

São estruturas de épocas claramente distintas. A primeira pode relacionar-se com a reutilização de espaço conventual como espaço de ensino (Aula Maynense), no final do século XVIII e inícios do século XIX, enquanto a segunda remonta à construção do claustro conventual e ascender à primeira metade do século XVII. Data desta época a mais antiga moeda encontrada, do reinado de D. João IV. Aliás, a estrutura e dimensões do espaço, compartimentado por septos ortogonais, encontra-se reproduzida à superfície pela disposição das lajes tumulares numeradas e respectivas esquadrias envolventes, nas alas norte e poente.

### 2.3 – Tafonomia e análise do espólio antropológico

O estudo diz respeito aos restos da Camada 1, não aos enterramentos normais da C.2.

Salta à vista que o material humano é muito heterogéneo quanto a nível etário, sexo e raça, pois alguns apontam quiçá para alguma das escravas negras de que há notícia.

Cadáveres não faltavam. Como a experiência *agora* mostra, incêndios afectaram restos mortais que estiveram expostos; há marcas indubitáveis de predação. Foi possível obter *in situ* peças esqueléticas de coleópteros necrófagos, o que é compatível com a interpretação supra. Encontram-se associados a cinzas, madeira carbonizada, folhas, sementes e restos de animais. Tudo indica inumações expeditas (efectuadas num curto espaço de tempo, na segunda metade do século XVIII, até a Regência de D. João) de vítimas – de acções traumáticas,

fogo ou violência, como veremos – retiradas de outros locais. Não se trata de enterramento e inumação primários.

Os cadáveres estariam esqueletizados quando os restos ósseos foram deslocados. O que explica o estado de dissociação em que ocorrem; os da C.1, nunca em conexão anatómica, em contraste com os enterramentos normais (C.2). Manchas, sobretudo no crânio, devem ter resultado de coagulação e atestar intensas hemorragias exo- e endocranianas.

Restos, sobretudo cranianos, evidenciam traumatismos e exposição a fogo, às vezes com “explosão” de crânios. Houve destruição de proteínas. O elevado número de indivíduos e a repartição por classes etárias, com peso exagerado de indivíduos na força da vida, estão relacionados com um evento catastrófico de grande amplitude. Em suma: o modo e o tempo de formação do depósito, a par das evidências observadas nos restos humanos, levam a atribuir o conjunto da C.1 a vítimas do terramoto de 1755.

Provenientes da parte escavada, cerca de um quarto da totalidade da área correspondente à ala Sul do claustro, foram reconhecidos restos mandibulares de, no mínimo, 214 indivíduos – desde crianças de poucos meses até muito velhos. De ambos os sexos. Estariam na ala Sul vestígios de perto de 1000 indivíduos, a que se somam talvez outros tantos na ala Este, onde idêntico depósito ossífero foi identificado, mas não escavado; contudo, não há evidência de se ter estendido às alas Norte e Oeste do claustro, que ainda conservam as lajes tumulares conventuais originais. Estes números, correctos quanto à ordem de grandeza, excedem largamente o número de vítimas em áreas próximas relatado por Pereira de Sousa (1931). Por conseguinte, os restos foram trazidos após perda da quase totalidade das partes moles pelo fogo, decomposição e predação. Cães vadios e ratazanas aproveitaram a benesse e contribuíram para a limpeza. Mesmo assim, não ficaram apagados vestígios de patologias.

Alguns restos poderiam ser de vítimas do tsunami, como sugerem alterações cloretadas de objectos de prata. Podem ter estado associados a cadáveres arrojados à costa,



Fig. 9 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Vista parcial do claustro, observando-se a ala sul do mesmo, com o espaço escavado em vias de musealização (ver Fig. 8). Foto JLC.

encharcados de água salgada, em consequência das vagas sísmicas.

Patologias fazem crer em estados de saúde deficientes e generalizados, como de anemia, em relação com deficiências de regime alimentar e de higiene. Patologias dentárias são numerosas. É grande a incidência de degradação e de perdas dentárias em vida, com remodelação óssea. Abscessos periapicais, osteoma e hipoplasias estão representados.

## 2.4 - Violência

Além de modificações de natureza patológica, têm interesse modificações por acção humana; algumas seriam de esperar, tais sejam marcas de ferramentas utilizadas na remoção de restos, outras não.

A grande violência, descontrolada na anarquia post-terramoto, não foi excepcional. Tem sido subestimada. Foi pesado o contributo de actos de banditismo.

Lesões não remodeladas, sem sobrevivência, às vezes repetidas, evidenciam agressões com instrumentos cortantes-contundentes. Algumas, mesmo se não causassem a morte faziam sentido para intimidar vítimas, para mais mulheres, a que seguidamente era dado fim.

Espectacular lesão por impacte de bala na testa indica agressão com arma de fogo. Trabalho eficaz, compatível com um profissional da violência.

Tudo joga certo com anarquia e saque, fuga de população e actuação de toda a casta de bandidos. Carvalho e Mello conseguiu estabilizar a situação. Forças armadas asseguraram a neutralização de tais elementos. Muitos foram presos, submetidos a juízo e executados na força.

A representação largamente maioritária de mulheres traduzirá recolha preferencial, ou tão só maior vulnerabilidade, também perante ataques de bandidos?

Foram detectadas marcas de corte com instrumento cortante-contundente, não remodeladas, em nada menos de 12 de 32



Fig. 10 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Fragmentos de cachimbos de caulino e barro recolhidos na Camada 1, de mistura com os abundantes restos humanos nela existentes. Em cima: exemplar holandês seiscentista, com estampilha de flor-de-lis sobre a haste; ao centro: exemplar inglês, produção de Bristol, com arranque do forninho e a marca IP no pedúnculo, de finais de seiscentos a meados de setecentos e exemplar inglês, com haste decorada, com idêntica cronologia; em baixo, exemplar de fabrico possivelmente da região de Lisboa, conservando a boquiha (classificações do Mestre João Pimenta, a quem se agradece). Foto JLC.

crânios, 37.5%. Nem todas suficientes como *causa mortis*, mas podem ter concorrido para a morte. Documentam agressão ou agressões repetidas que, na mesma ocasião, pode ter incidido noutras partes (pescoço, tórax, ventre) com efeitos eventualmente letais.

Foram reconhecidos 15 casos de agressão (46.9 %) em 32 crânios de adultos e uma criança.

Conviria aos atacantes apagar vestígios. Para sua segurança era preferível que os cadáveres ficassem expostos a fogo, dificultando ou impossibilitando a identifica-



Fig. 11 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Elementos amovíveis de terços (incluindo as correspondentes cruzes), de osso torneado, relacionados com as inumações da Camada 2. Foto JLC.



ção. É sabido que personalidades foram inumadas, dando-se-lhes sepultura cristã. O mesmo pode ter acontecido a corpos resgatados por quem os tenha reconhecido, familiares em especial.

É desconhecida a identidade das vítimas cujos restos foram recolhidos. Quem se

ocuparia de mortos não identificáveis? A maior parte nem sequer foi enterrada.

Alguém exerceu a acção misericordiosa de lhes dar sepultura. Com pás, enxadas e picaretas lá foi progredindo o trabalho, com recolha de restos humanos de mistura com outros de animais.



Fig. 12 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Adereços metálicos de vestes talares, relacionados com as inumações da Camada 2. Foto JLC.



Fig. 13 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Crânio feminino negróide, ca. 40-50 anos, vista anterior-face, mostrando abertura nasal muito larga e órbitas com orientação descendente do superior, com estalamento de origem térmica, recolhida na parte superior do enchimento (Camada 1). Foto JLC.



Fig. 14 – Claustro da Academia das Ciências de Lisboa. Vista superior oblíqua de calote craniana com estalamento espectacular, de origem térmica, recolhida na parte superior do enchimento (Camada 1). Foto JLC.

### 3 – EVOCAÇÃO BREVÍSSIMA E CONCLUSÃO

Longa é a História do espaço intervencionado, sito no Convento de Jesus, sede da Ordem Terceira. Começa, neste âmbito, em 1585, desenvolvendo-se durante o século XVII até a primeira metade do seguinte. Convento, Igreja, Hospital.

1755. Pesados danos nas edificações. Morte.

Finais do séc. XVIII. Reconstrução brilhante, animada por personalidades notáveis, algumas eminentes, como os Padres-Mestres Frei José Mayne e o depois Bispo de Beja e Arcebispo de Évora, D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas. Criação da Aula Maynense, onde decorreram cursos de nível elevado, e da portentosa biblioteca. Uma e outra existem.

Tempos difíceis na viragem de século. A invasão de 1807; visita ao Convento e Museu Maynense do Professor do Muséum de Paris, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, que observou (e não “requisitou”) uma xiloteca magnífica, com amostras preciosas do Brasil e outros territórios ultramarinos – que o destino quis que perdurassem até hoje.

Prosecução de actividades de Investigação e divulgação até o fim, em 1834.

O fim? Não. Recuperação a partir da alocação à Real Academia das Ciências por D. Maria II, 1834. Desenvolvimentos consequentes, de valor e criatividade elevados, apesar de uma perturbação sangrenta, materializada pelo combate anti-arsenalista, de Março de 1838.

Enfim ...

Evento de importância primacial: o Teramoto e a evidência proporcionada pelo antigo Convento de Jesus. Os restos, humanos e outros, contam histórias compatíveis com outros dados. Introduzem novidades ao demonstrar o que seriam simples suposições ou locubrações inconsistentes. Por conseguinte, vão além da documentação escrita, nem sempre fidedigna *a priori* nem necessariamente rigorosa.

**Sublinhamos, acima do mais, que estamos perante a primeira prova material da existência de vítimas do megasismo de 1755.**